

***Mythos* e História em Paul Ricoeur**

Prof^a Dr.^a Constança Marcondes Cesar
(UFS – Aracaju - SE - Brasil)
cmarcondescesar@msn.com

Resumo: Trataremos de examinar o conceito de *mythos*, a partir da obra de Ricoeur, *Temps et Récit*, mostrando como este se aplica à narrativa histórica e à narrativa de ficção. Trata-se de discutir como o filósofo apresenta as analogias e diferenças entre o texto histórico e o texto de ficção, traduzindo, de forma inovadora, o termo *mythos* por tessitura da intriga. Veremos também como os problemas da verdade e da interpretação envolvidos nos dois tipos de textos são focalizados pelo autor francês, bem como a relevância que o tema assume nas duas obras mais importantes do último Ricoeur, *Mémoire, histoire, oubli* e *Parcours de la reconnaissance*.

Palavras-chave: Ricoeur; *Mythos*; História; Epistemologia; Ética.

1. Considerações iniciais

Em um escrito publicado em 1955, *Histoire et Vérité*, Ricoeur agrupa diferentes ensaios sobre a epistemologia da história e a ética. Nos ensaios, a problemática da verdade e objetividade da história é posta em primeiro plano. *Verdade e história* são temas que nosso filósofo abordará, tratando de compreender como se dá a correlação entre o acontecer e o fazer, entre o cumprimento de ações e a construção do sentido da tarefa humana no tempo, coimplicando o registro epistemológico e o registro ético.

Dois tipos de textos enfocam o problema da *verdade no conhecimento da história* e o da *verdade na ação histórica*.

A objetividade da história é essencialmente o esforço de compreensão metódica, marcada pela busca da universalidade, pela construção de uma *subjetividade de reflexão* que retifica e ordena a compreensão do passado, investigando seu sentido. Fazer história não é “reviver o passado”, mas recompor, reconstituir, interpretar o acontecer. Nela, compreender e explicar não são excludentes, pois a compreensão decorre da análise. A recomposição pura, a apreensão de um passado integral funciona como uma Ideia reguladora que orienta a pesquisa do historiador, mas nunca se acha totalmente realizada no seu fazer. Por isso, a história se apresenta como uma escolha, uma concepção ordenadora de eventos, uma interpretação a mais fiel possível - mas inexaurível - que busca, mediante julgamentos de importância, selecionar os eventos segundo um encadeamento que torna o acontecer compreensível.

Na dialética do mesmo e do outro, assim estabelecida, o historiador “tem por tarefa dar nome àquilo que mudou (...), que foi *outro*”. Compreender os outros homens, buscando articular, de modo cada vez mais ordenado, sínteses analíticas, mediante uma simpatia instruída, uma

aproximação e evocação de valores, torna-se possível uma vez que pertencemos, nós e os homens do passado, a uma mesma humanidade.

A subjetividade do historiador não é uma subjetividade qualquer; implica o “juízo de importância”, “a translação a um outro presente imaginado”, “a simpatia por outros homens”. De *lógica*, a objetividade assim alcançada torna-se *ética*: só é obtida mediante a disponibilidade e a abertura a outrem. O conhecimento só é possível se sairmos da estrita subjetividade privada e experimentarmos o ser humano em nós, a humanidade em nós. É busca de um sentido, o da história da consciência, que está em cena na busca da compreensão dos acontecimentos. O acontecer só é compreendido se mediatizado por um *acontecer do homem*. Invocando Husserl e seu texto sobre a crise da humanidade europeia, Ricoeur mostra como a crise histórica vivida por Husserl o impeliu a compreender o sentido da filosofia ocidental, inscrevendo a meditação sobre a crise da razão na história da razão no Ocidente.

Do epistemológico ao ético: da compreensão à descoberta da intersubjetividade como o lugar da verdade: a história do historiador e a retomada filosófica da história são dois modos “de fazer aflorar a subjetividade da história”. De um lado, faz-se aflorar um sentido humano do acontecer que unifica a humanidade numa história única; de outro, é descoberta da pluralidade humana. Por isso, a história é “virtualmente contínua e descontínua; contínua como único sentido em marcha, descontínua como constelação de pessoas”. A história envolve uma *narrativa*, que implica duas tendências de sentido: “como *unidade de composição*, aposta na ordem total em que se unificam os eventos; como *narração dramatizada*, corre de nó em nó ...”.

A abordagem ricoeuriana do problema da verdade em história, nesses textos publicados em 1955, mas que englobam artigos editados desde 1949, mostra dois pontos importantes que serão retomados em obras ulteriores: a irredutível correlação entre *epistemologia* e *ética* e o caráter *narrativo* da descoberta da verdade por parte de quem o existir no tempo tem dimensão ontológica.

2. Narratividade e história em *Temps et Récit*

O caráter *narrativo* da compreensão do tempo reaparece no monumental *Temps et Récit*. A obra em pauta responde, de um lado, à *questão epistemológica* da relação entre *explicar* e *compreender*, focalizando, no primeiro volume, a problemática da epistemologia da história, assim como o parentesco entre a narrativa histórica e a de ficção. Narrar, do ponto de vista da ciência histórica, é redescrever, interpretar o acontecer; narrar, do ponto de vista da ficção, é redescrever, interpretar a condição humana na sua pluralidade essencial. Nos dois casos, o que emerge, para o

sujeito, é a amplificação de sua consciência, pelo encontro com a alteridade, com outros modos de ser e de realizar a existência humana, expressos pela história e pela ficção. Assim, o segundo aspecto a que *Temps et Récit* responde é o da complexificação da consciência de si, pelo encontro com os textos. O contraponto entre o aspecto epistemológico e o aspecto ontológico da compreensão é posto em relevo, desse modo.

No primeiro volume de *Temps et Récit* o filósofo mostra como a narrativa inventa uma intriga que sintetiza o heterogêneo “dos objetivos, das causas, dos acasos”, reunindo-os na “unidade temporal de uma ação total e completa”. Aproximando a narrativa histórica e a narrativa de ficção, nosso autor desvela a tarefa da narrativa: explicar e compreender, redescrever o agir para melhor compreender seus valores temporais.

A capacidade da ficção e da história de refigurar a experiência temporal é o núcleo do que Ricoeur chama de *círculo entre a narrativa e a temporalidade*. Sua tese é que “o tempo torna-se humano quando articulado de modo narrativo” e que “a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços de uma experiência temporal”. Há, para o filósofo, uma reciprocidade entre *narrativa e temporalidade*, que faz surgir “uma identidade estrutural entre a historiografia e a narrativa de ficção” fundada no “caráter *temporal* da experiência humana”. É referindo-se à *Poética* de Aristóteles que Ricoeur falará de *mythos* como “tessitura da intriga”, que mimetiza a experiência temporal viva. Na narrativa histórica é referência à experiência temporal viva que serve de ponto de apoio à construção interpretativa do acontecer; na narrativa de ficção, é imitação criadora que alude ao campo da ação e às suas determinações éticas.

Mythos, tessitura da intriga, é um trabalho de composição inteligível do acontecer, que prima pela *compreensão narrativa* sobre a *explicação*, tanto no âmbito da narrativa histórica quanto na de ficção. Está associada à *mimésis*, entendida como representação da ação, e à ordenação dos fatos. Há, para Ricoeur, uma estreita correlação entre *mimésis* (imitação) e *mythos* (ordenação compreensiva do agir). A narrativa, para ele, implica um *mythos*, que estabelece uma concordância no interior da discordância e pluralidade do acontecer.

A hipótese de Ricoeur é que a correlação entre *narrativa e temporalidade* da experiência humana não é acidental. Supõe a estruturação em três níveis da articulação compreensiva do tempo: o da precompreensão da ação e suas categorias e sua temporalidade, constituindo a *prefiguração* do tempo e tornando *legível* a ação e seu significado; no segundo nível, implica a *criação de modelos paradigmáticos* que possibilitem o acesso ao verdadeiro, *configurando* o heterogêneo do acontecer numa figura unitária; finalmente, *entrelaça* o mundo do texto e o mundo do leitor, *refigurando* a

experiência temporal.

Abordando a relação entre *narratividade e história*, Ricoeur pôs em evidência o caráter da *compreensão narrativa* implicado nas ciências históricas, mediante uma reflexão sobre as condições de inteligibilidade da ciência histórica. Corresponde à abordagem de *mimésis II*, o da *configuração narrativa do mundo da ação*. Para analisar essa relação, Ricoeur parte do distanciamento da história moderna em relação à forma narrativa da historiografia francesa. Mostra, em seguida, a valorização da narrativa histórica inspirada em diversas tentativas de autores de língua inglesa, que “ estudam *diretamente* a competência narrativa do discurso histórico”. É a partir dessa reflexão , abordada criticamente por nosso autor, que este proporrá a tese da “*derivação indireta* do saber histórico a partir da inteligência narrativa”. Nessa tese, o filósofo põe em relevo a questão que considera essencial: a exigência de elucidar a correlação entre a *explicação* histórica e a *compreensão narrativa*”, para que seja possível examinar a “*contribuição da narrativa histórica para a refiguração do tempo*”.

A conclusão do pensador francês é que “a refiguração do tempo pela narrativa é (...) a obra *conjunta* da narrativa histórica e da narrativa de ficção”. A busca da verdade é o problema central da história, enquanto pretende ser a narrativa verídica do acontecer; a busca da verdade sobre o homem é o problema central da ficção, enquanto resulta na exibição, através da narrativa, das variações imaginativas do eu, mostrando a pluralidade e unidade do humano.

Investigando as relações entre a escrita, na história , e a tessitura da intriga, “ nas artes de compor obras que imitam uma ação”, Ricoeur mostra que o laço entre história e ficção é *indireto*, mas exhibe o parentesco entre os ritmos e temporalidades múltiplas da história e as temporalidades e mudanças bruscas da sorte, nas narrativas de ficção.

Cabe ao filósofo interrogar: “que é que transforma as ações em histórias?”. Noções como quase-intriga, quase-personagem, quase-acontecimento são, para ele, chaves para entender a construção da história científica.

A implicação ética importante dessa reformulação da noção de verdade na narrativa da história e na narrativa de ficção ,mostrada nos textos de Ricoeur, decorre da noção de *identidade narrativa*, desenvolvida por ele no terceiro volume de *Temps et Récit*. É narrando a si mesmo, é articulando de modo inteligível o acontecer, pela narração e vivendo no imaginário alternativas de ser, a partir do encontro consigo mesmo possibilitado pela ficção, que o homem chega a se compreender e ampliar sua liberdade, construindo o sentido da vida e do tempo.

A “narrativa é a guardiã do tempo”, pois só existe tempo quando narrado. No plano

epistemológico, a narrativa realiza a *configuração* do tempo; no plano *ontológico*, o tempo é *refigurado* pela narrativa.

Todavia, o tempo como tal não é representável; por isso, ao narrar, tecemos a inteligibilidade, sempre retomada, sempre precária, do agir e do acontecer. Daí nosso autor dizer: “Não há intriga de todas as intrigas, capaz de se igualar à Ideia de humanidade una e de história una”. No plano da ficção, “a refiguração [da realidade pela ficção] parecia (...) constituir uma ativa reorganização de nosso ser-no-mundo, conduzida pelo leitor, convidado pelo texto, segundo a palavra de Proust (...) a tornar-se leitor de si mesmo”.

3. A trajetória ricoeuriana desde *Du texte à l'action* até *Parcours de la reconnaissance*

Vinculando estreitamente a meditação sobre o agir à da narrativa, em *Du texte à l'action*, Ricoeur ampliou a noção de narratividade, aplicando-a não apenas aos textos que se referem ao agir, mas também ao fazer humano. A importância dessa hermenêutica do agir, proposta pelo filósofo, fica evidente se a associamos à noção também complexificada de identidade, apresentada em *Soi-même comme un autre*.

A nova perspectiva, aberta por *Du texte à l'action*, consiste na extensão da Ideia de narrativa, antes aplicada aos textos de história e de ficção, à compreensão da própria ação humana. *Du texte à l'action* estabelece um novo patamar de aproximação ao sujeito ético, focalizando uma vez mais o problema da ação. Para Ricoeur, a ação humana pode ser lida como um texto, isto é, articulada, pela narração do fazer, numa totalidade significativa. O sujeito compreende a si mesmo ao narrar sua vida, fazendo a articulação lógica das próprias ações, ao escoar-se no tempo, ao inscrever-se no tempo. O sujeito é ainda compreendido, decifrado, reconhecido por outros sujeitos quando estes encadeiam, para si mesmos, o fazer daquele outro numa totalidade inteligível, pela narração. A analogia assim estabelecida entre a narrativa dos textos de história e de ficção e a narrativa do agir, ao mesmo tempo *amplia* enormemente a noção de identidade narrativa, estendendo-a ao campo da ação, e *complexifica* a noção de sujeito, agora pensado não apenas como quem delibera e decide, mas como quem é capaz de dizer, agir, narrar, imputar. Definindo o sujeito como ser capaz de dizer a si mesmo e ao mundo, de narrar o acontecer e o fazer, Ricoeur assinala essas capacidades como expressões maiores da liberdade da pessoa. É por ser capaz de dizer, agir, narrar, imputar que o homem é livre e que no exercício dessas capacidades, isto é de sua liberdade, também reconhece a si mesmo como o ponto focal dessas capacidades e reconhece o outro como senhor de capacidades análogas.

Nos planos da história e da ficção, vivendo pela memória e pela imaginação alternativas de ser, o sujeito amplia a sua experiência individual, enriquecendo-a com a experiência da humanidade - narrada pela história - e com as variações imaginativas do eu - possibilitadas pela ficção. O sujeito se abre, desse modo, a uma compreensão mais ampla de si e dos outros, rompendo com os limites estreitos impostos pela sua finitude, corporeidade e temporalidade.

De modo análogo, “lendo” a sua ação e as dos outros como se foram textos, o sujeito se percebe como pólo da liberdade, expressa através das diferentes faces através das quais ela se manifesta: agir, dizer, narrar, imputar. Articulado narrativamente o agir, faz-se o longo percurso do reconhecimento de si e do outro. Esse percurso, descrito pelo filósofo na sua obra-testamento *Parcours de la reconnaissance*, conduz de volta ao mundo dos homens: o mundo da vida histórica, das obras criadoras, da vida política, da busca da paz.

Em *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, obra que precede *Parcours de la reconnaissance*, a tematização da epistemologia da história e da problemática ética associada à memória, perdão, esquecimento, reaparecem em primeiro plano. Obra magistral, nela o filósofo retoma a problemática do explicar e do compreender, da representação e da narração, da interpretação filosófica da história. Aqui, a pretensão à verdade da história, é confrontada com a busca de veracidade e de fidelidade da memória. A análise do tempo é feita na perspectiva da “dialética entre tempo vivido, tempo cósmico e tempo histórico”. O conhecimento histórico não esgota nunca as possibilidades de discussão das diferentes visões do tempo histórico, na sua irreduzível pluralidade e riqueza. Cabe ao homem contemporâneo preservá-las e integrá-las no seu universo simbólico. Pondo em jogo os diferentes modelos de explicação possíveis em história, Ricoeur propõe uma noção de verdade entendida como *interpretação*, que se estrutura em três níveis: o documental, o da explicação/compreensão, o da representação literária do passado. Para ele, a interpretação é um componente da própria intenção da verdade de todas as operações historiográficas. Desvenda-se, assim, o sentido da correlação que o filósofo propusera, entre *mythos* e história: trata-se de mostrar “como o ato configurante da tessitura da intriga se articula aos modos da explicação/compreensão a serviço da interpretação do passado”, exibindo o tipo de inteligibilidade que caracteriza a ciência histórica.

É recorrendo ao que chama de “mestres de rigor”: Foucault, Certeau, Elias, que nosso filósofo apresenta uma nova compreensão do método e do objeto da historiografia. É à luz dessa passagem pela renovada leitura da história na filosofia contemporânea que nosso autor reproporá o problema da interpretação em história, associando-o à questão da verdade. A história, diz ele, dá-se

no campo mais amplo do conhecimento do outro. É meditando sobre a *alteridade* :a do passado, a do estranho e do estrangeiro, a dos textos e inscrições, que Ricoeur recorda que o *compreender* envolve sempre o *interpretar*. Para ele, “a interpretação é um componente da explicação”, e expõe a possibilidade da articulação entre “a hermenêutica crítica e a hermenêutica ontológica”, que mostra a história como um tipo de saber que se situa entre a ciência e a literatura. A hermenêutica crítica tem como tarefa mostrar os limites de toda pretensão totalizadora da história ; e também exibir as analogias entre a história e a ficção. Por sua vez, a hermenêutica ontológica assinala a passagem da meditação sobre o significado da história ao exame da condição histórica do homem, isto é, à apreciação da historicidade como *categoria existencial*. É nesse plano que se põe a questão ética e o estudo dos poderes humanos, associando-os à Ideia de temporalidade. Ricoeur mostra, assim “o poder fazer memória” como sintetizador das capacidades de agir, falar, narrar, ser responsável. Assim, *La mémoire, l’histoire, l’oubli* permite relacionar *Soi-même comme un autre* ao *Parcours de la reconnaissance*, exibindo um amplo painel das contribuições da última fase do filósofo bem como a compreensão de sua unidade essencial, apoiada na meditação epistemológica e ética.

4. Considerações finais

Em resumo, pode-se dizer que : em história, *compreender* envolve sempre o *interpretar*; *verdade*, em história, é recomposição, reconstituição do acontecer, não revivescência; *compreender o acontecer* só pode se dar mediatizado pela *compreensão do acontecer do homem*, pela indagação a respeito de *quem* é o homem; o fulcro da interpretação é o *mythos*, tessitura da intriga, narração que articula de modo inteligível os eventos na ficção e na história; a finalidade da interpretação é a compreensão do homem, mediatizada pela compreensão de si; o interpretar, a tessitura da intriga, o *mythos*, focaliza sempre o compreender a *ação*; os *textos narram ações efetivas* (o acontecer histórico) ou *imaginadas* (ficção); ademais, *a ação pode ser lida como um texto*. A circularidade entre *texto* e *ação* é uma das contribuições mais interessantes de Ricoeur; meditar sobre a ação é meditar sobre as capacidades do homem, sua liberdade e sua característica essencial; “ poder fazer memória” é uma das expressões exponenciais da humanidade do homem, de sua liberdade e do reconhecimento de si e do outro que assim se dá.

Referências:

MARCONDES CESAR, Constança. *Crise e liberdade em Merleau-Ponty e Ricoeur*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

_____. O problema do tempo in id. (org.) *Paul Ricoeur. Ensaio*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 27-38.

RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968; id., *Histoire et vérité*. Paris: Seuil, 1967.

_____. *Temps et récit*. Paris: Seuil, v. I, II, III, 1983, 1984, 1985.

_____. *Réflexion faite*. Paris: Esprit, 1995.

_____. *Du texte à l'action*. Paris: Esprit/Seuil, 1986.

_____. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

_____. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

_____. *Parcours de la reconnaissance*. Paris: Seuil, 2000.

Mythos and History in Paul Ricoeur

Abstract: We will try to present the concept of mythos on Ricoeur's work, *Temps et Récit*, and to show as this concept is used in the historical narrative and in the fiction. We want to present the analogies and differences between the scientific writings and the fictional writings and to discuss the problems of interpretation and truth involveds in both perspectives. We want also to study this subject on the last Ricoeur's books *Mémoire, histoire, oubli* and *Parcours de la reconnaissance*.

Keywords: Ricoeur; *Mythos*; History; Epistemology; Ethics.

Data de registro: 07/07/2014

Data de aceite: 03/09/2014